



Operador:

Bom dia a todos. Iniciamos neste momento a teleconferência do Banco do Brasil para discussão do resultado do 4T11. Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes, e, mais tarde, será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para participação.

Caso precise da ajuda de um operador durante a teleconferência, basta teclar *0. Cabe lembrar que esta conferência está sendo transmitida ao vivo pelo Portal BB, no endereço www.bb.com.br, site de Relações com Investidores, onde há a possibilidade de visualizar os slides e enviar perguntas que serão respondidas na sessão de perguntas e respostas, ou posteriormente por e-mail.

Antes de prosseguir, gostaria de esclarecer que esta apresentação faz referências e declarações sobre expectativas, sinergias planejadas, estimativas de crescimento, projeções de resultados e estratégias futuras sobre o Banco do Brasil, suas subsidiárias, coligadas e controladas. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do País, do setor e dos mercados internacionais. O Banco do Brasil não se responsabiliza em atualizar qualquer estimativa contida nesta apresentação.

Inicialmente, serão apresentados detalhes do resultado. Ao final, os executivos responderão as questões que forem formuladas.

Conosco hoje estão os senhores: Ivan de Souza Monteiro, Vice-Presidente de Gestão Financeira e Relações com Investidores, e Gustavo Sousa, Gerente Geral de RI do Banco do Brasil. Por favor, Sr. Gustavo, queira prosseguir.

Gustavo Sousa:

Obrigado. Bom dia a todos. É um prazer realizar minha primeira teleconferência de resultados do Banco do Brasil. Como já falado, estou aqui também com o Sr. Ivan Monteiro, nosso CFO, e outros executivos do Banco que participarão da sessão de perguntas e respostas conosco.

Passando para o slide três da nossa apresentação, nós temos os destaques do resultado do Banco, abrindo cinco itens. Primeiro, um crescimento da margem financeira bruta; segundo, as despesas para a provisão de crédito abaixo do que havíamos indicado no *guidance*; terceiro, índices de inadimplência decrescentes e abaixo do apresentado pelo sistema financeiro; quarto, despesas administrativas sob controle; e quinto, uma diversificação na geração de receitas do Banco do Brasil.

Passando para o slide quatro, e aí nós temos uma abertura do nosso *guidance*, comparando o que foi apresentado no ano de 2011 com o que havia sido indicado para este ano, nós temos aí o cumprimento de quase todos os itens do *guidance*. O primeiro item, do *return on equity*, o retorno de 21,7%, dentro do *guidance*; o item de crescimento da margem financeira bruta em 11,1%, também dentro do *guidance*; o item de crescimento de depósitos totais em 17,4% de crescimento, dentro do *guidance*; crescimento da carteira de crédito no País de 15,6%, dentro do *guidance*.



E aí falando de dois itens específicos da carteira de crédito no País, a carteira de crédito à pessoa física cresceu 15,4%, abaixo do *guidance*, e aí nós temos o impacto da aplicação das medidas macroprudenciais implementadas pelo Banco Central no começo do ano de 2011. Quando o orçamento do Banco foi preparado, no final de 2010, essas medidas não foram levadas em consideração, então naturalmente nós ficamos um pouco abaixo do *guidance* neste item.

E na carteira de pessoa jurídica, 14,3% de crescimento, abaixo do *guidance*, mas não levamos em consideração neste cálculo o crédito que o Banco estendeu às empresas via compra de títulos privados. Se levássemos este item em consideração, isso também pode ser visto como uma modalidade de crédito, esse *guidance* teria sido atingido.

Passando para o item seguinte, o de PCLD, este item representa a despesa de PCLD sobre a média da carteira, e performamos abaixo do *guidance*, o que é muito bom, um percentual de 3,1%.

No item crescimento de receitas com tarifas, dentro do *guidance*, em 12,8%; no item despesas administrativas, um destaque, estamos no *low* do *guidance*, em 9,7%. Isso mostra o resultado do foco do Banco no controle de despesas, mesmo um ano em que tivemos uma inflação no topo da banda da meta de inflação, crescimento do nosso quadro e reajuste salarial. E também, um último item, de taxa de imposto, dentro do *guidance*.

Passando para o slide cinco, nós temos o nosso lucro líquido. Uma barra representa o lucro líquido, a outra, o lucro recorrente; o lucro recorrente em 2011 de R\$11,8 bilhões. E nós temos como itens positivos de resultados extraordinários, justamente essa diferença entre o lucro líquido e o lucro recorrente, itens extraordinários positivos ao longo do ano foram: venda de participações e eficiência fiscal; e como item negativo, tivemos o impacto de planos econômicos.

Passando para a página seis, e este slide seis da apresentação nos mostra uma abertura das receitas operacionais totais do Banco do Brasil, o item mais importante é a margem financeira bruta, que cresceu 11,1% no ano, com participação de 70,4%. Mas também temos destaques aqui para outros negócios.

Vemos que o negócio de seguros cresceu em 20% no ano, ganhando participação nas receitas operacionais totais, e que o item Previ respondeu por menos neste ano. Isso acontece em função, naturalmente, de um movimento da Bovespa no ano de 2011, mas principalmente em função do crescimento de itens de negócios no resultado do Banco do Brasil.

Passando para a página sete, nós temos a lâmina de posições de liderança do Banco. Temos a liderança em ativos, onde o Banco tem 20,9% de market share, temos a liderança em crédito, com 19,2% de market share, a liderança em depósitos, com 26,4% de market share, e a informação de administração de recursos de terceiros, onde a BB DTVM tem 21,6% de market share.

Passando para o slide oito, o slide de fontes e usos, nós trazemos um destaque aqui para o crescimento dos depósitos, que totalizaram, ao final de dezembro de 2011, R\$442 bilhões, um crescimento de 17,4%. E destacamos aqui também o crescimento das letras bancárias, compostas por LCAs e letras financeiras, item que cresceu bastante, 274% no período. Esse



crescimento nos itens de funding possibilitou a expansão da carteira de crédito, que cresceu, nesta visão de carteira de crédito classificada, 18%.

O slide nove nos traz uma abertura dos itens de depósitos. Como já comentamos, o crescimento de mais de 17% no ano, e com destaque aqui para a nossa linha de depósitos de poupança, que atingiu o saldo de R\$100 bilhões.

O slide dez mostra uma abertura justamente da LCA e da letra financeira, e nós entendemos que este tipo de captação tende a crescer nos próximos anos e ser um importante item de funding para o Banco do Brasil.

Na página 11, nosso slide de captações externas, em que o Banco atingiu um saldo recorde ao final de 2011, com US\$34,6 bilhões, com destaque para as emissões no mercado de capitais internacional. O Banco é um frequente emissor nesse mercado, utilizando instrumentos sênior, subordinados, e até mesmo instrumentos híbridos.

Na página seguinte, página 12, nós temos os números do nosso negócio de administração de recursos de terceiros, em que o Banco tem 21,6% de participação. A BB DTVM fechou o final de dezembro de 2011 com R\$415 bilhões de recursos administrados, e se formos olhar na visão ano contra ano, a receita proveniente do negócio de administração de recursos cresceu 19,7%. Na visão 4T contra 4T, as receitas cresceram 20,7%. Este é um importante item na formação do negócio não-financeiro, não de intermediação do Banco do Brasil.

Na página 13, temos a abertura da margem financeira. Eu gostaria de destacar para os senhores que esta informação é nova, ela mostra a margem financeira nos seus principais componentes, detalhando as receitas com créditos, as despesas de captação, o item de recuperação de crédito e o resultado de tesouraria.

É importante destacar aqui nesta informação que os efeitos de câmbio que incidem normalmente na receita de operação de crédito e na despesa de captação, esses itens foram isolados e todos eles evidenciados dentro da linha de resultado de tesouraria.

Esta lâmina demonstra o discurso do Banco do Brasil de gerar resultados financeiros por meio do crescimento de operações de crédito, e de utilizar sua tesouraria para a gestão de liquidez de conglomerado e gestão da exposição cambial do conglomerado.

Passando para a página 14, nós temos uma visão do spread global do Banco, começando pelo custo de captação. O custo de captação do Banco continua bastante competitivo, em 68,3% da Selic, e o spread global crescendo em relação ao 3T, atingindo 5,8%. O spread ajustado pelo risco, aí já deduzindo as despesas de provisão para crédito, foi recomposto em 40 b.p., fechando o período em 4,3%.

Passando para a página 15, temos a informação do spread por segmentos. Vemos que o spread de operações de crédito como um todo teve também um aumento, de 8,8% para 9%, puxado pelos incrementos em relação ao 3T dos spreads de pessoa física e de operações com agronegócio.

Passando agora para a página 16, temos uma abertura da carteira de crédito ampliada do Banco do Brasil. Esse conceito de carteira de crédito ampliada adiciona ao conceito de carteira



de crédito classificada pela resolução 2682 do Banco Central os itens de títulos e valores mobiliários privados e garantias e avais.

Neste conceito, nós vemos que o crescimento das operações com pessoas físicas e com pessoas jurídicas tem sido muito importante e tem de certa forma diluído a participação da carteira do agronegócio, que na visão de dezembro de 2010 para dezembro de 2011 foi de 19,5% para 19,2%.

Passando para a página 17, a informação da carteira de pessoa física. Nós temos um crescimento de 15,5% nos últimos 12 meses, e destacamos, dentro dessa carteira, a participação das linhas de menor risco, linhas de menor risco formadas pela carteira do imobiliário, o CDC salário, as linhas de veículos e o crédito consignado. Essas linhas de menor risco fecharam dezembro de 2011 com quase 80% de participação dentro da carteira de pessoa física. É esse o foco do crescimento da carteira de pessoa física do Banco do Brasil.

Na página 18, nós mostramos um pouco do que foi o impacto das medidas macroprudenciais na carteira de pessoa física, especificamente nos desembolsos para crédito consignado e para veículos. Nós vemos nesse gráfico que após o anúncio das medidas o volume de desembolso caiu um pouco, mas nós vemos também que no final do ano de 2011, após o início da flexibilização das medidas, esse volume de desembolsos voltou para níveis normais.

Na página 19, temos os números do crédito imobiliário, tanto para pessoa física quanto para pessoa jurídica, com incrementos bastante significativos.

Na página 20, falando especificamente do crédito imobiliário para pessoa física, na visão de desembolso temos um incremento muito forte em contratos liberados, mais de 22.000 contratos liberados durante o ano, e um desembolso superior a R\$3,5 bilhões.

Na página 21, uma abertura semelhante, mas no segmento de pessoa jurídica. Nós temos a quantidade de contratos liberados em 938 contratos ao longo do ano, e o volume de operações de crédito imobiliário para pessoa jurídica, o volume de desembolsos superando R\$1,3 bilhão.

Na página 22, temos a carteira de pessoa jurídica. Mais uma vez, aquele conceito da carteira ampliada, contando com a adição de títulos e valores mobiliários privados, avais e garantias; essa carteira cresceu 19,2% nos últimos 12 meses, e destacamos o crescimento dos itens de TVM, privados e linhas de investimento. Essas linhas estão bastante relacionados com projetos de infraestrutura no Brasil, e entendemos que esse é um foco bastante interessante para os próximos anos.

Na página 23, temos outra abertura da carteira de pessoa jurídica, neste slide entre operações com micro e pequenas empresas e também operações com médias e grandes empresas, e vemos um crescimento equilibrado, em torno de 19% nesses dois itens nos últimos 12 meses.

Na página 24, nos concentramos um pouco mais no item crédito para micro e pequenas empresas, especificamente na utilização do Fundo Garantidor de Operações, um importante mitigador de risco para essa carteira. Esse fundo complementa a garantia para o crédito à micro e pequenas empresas. A utilização desse fundo cresceu quase 40% nos últimos 12 meses.



Na página 25, temos os números de comércio exterior, e observamos a informação de fluxo recorde em contratação de ACC no mês de outubro e no ano de 2011 como um todo. O Banco do Brasil continua sendo o grande líder no comércio exterior aqui no Brasil.

Na página 26, a informação de desembolsos voltados para linhas de investimento, com crescimento bastante significativo, de 63,2%, atingindo um volume total de desembolso de R\$33,8 bilhões em 2011.

Na página 27, outra abertura das linhas de investimento, aí olhando essas linhas por fonte de desembolso, e observamos a importância dos itens Finame, BNDES e FCO.

Na página 28, temos também uma informação de desembolso muito importante para a micro e pequena empresa, que é o cartão do BNDES, onde o Banco é líder absoluto nesse mercado, com cerca de 2/3 de participação, de market share, nos itens de desembolso, número de operações e cartões emitidos. Os desembolsos pela utilização dessa linha cresceram 88,5% ano a ano.

Na página 29, começamos a falar da nossa carteira de agronegócios. O Banco do Brasil é líder nesse segmento, tem 63,1% de participação. O saldo dessa carteira atingiu R\$69,4 bilhões, e destacamos o crescimento das operações também com pessoas jurídicas, operações com corporações dentro do agronegócio. No final de dezembro de 2011 as corporações respondiam por 36% da carteira do agronegócio.

Passando para a página 30, nós temos a informação de utilização de mitigador. A utilização de mitigadores nesta safra em curso, a safra 2011-2012, está em 56,8%. Olhando para este mapa do Brasil, especificamente na região Sul, uma região que já passou por impactos de intempéries no passado, vemos que o Banco tem uma utilização ainda maior de mitigadores, mitigação que chega a 74,2%.

E na página 31, olhando para culturas específicas na região Sul, especificamente para a cultura do milho, uma que é bastante impactada quando temos eventos de seca na região Sul, e notamos que, para linhas de custeio, o percentual de utilização de mitigadores na cultura do milho supera 90%.

Na página 32, abrimos a carteira do agronegócio entre operações em curso normal e operações prorrogadas, e observamos que, ao longo dos últimos anos, o percentual tem caído. O percentual de operações prorrogadas em relação à carteira total ao final de 2011 era de 6,4%.

Na página 33, observamos uma visão da carteira de crédito do Banco do Brasil em uma visão de risco, e vemos que as operações de menor risco, classificadas entre AA e C, ganham participação de 93,7% em dezembro de 2010 para 93,9% em dezembro de 2011.

Na página 34, mostramos o gráfico de inadimplência acima de 90 dias, onde o banco uma tendência de melhoria, um índice que foi de 2,3% em dezembro de 2010 para 2,1% em dezembro de 2011, uma tendência oposta ao que o sistema tem apresentado. O sistema fechou o ano de 2011 com inadimplência acima de 90 dias em 3,6%.



Passando para a página 35, nós temos aqui uma abertura da composição, das provisões para risco de crédito do Banco do Brasil, e destacamos a estabilidade na provisão adicional. O Banco do Brasil trabalha com certo colchão de provisão para fazer frente ao risco de crédito, e pretende manter esse nível de colchão de provisão adicional para os próximos períodos.

Na página 36, temos o índice de cobertura das provisões sobre as operações vencidas acima de 90 dias. No final de dezembro de 2011, o Banco, com 215,6% de índice de cobertura, está bem acima do apresentado pelo sistema financeiro nacional.

Na página 37, passamos por informações da nossa rede de atendimento. O Banco do Brasil é líder em quantidade de agências no território nacional; o Banco tem 25,1% de market share nesse item. E também, chamamos a atenção, nós simulamos, com números de final de ano, que seria a adição do Banco Postal para essa rede de atendimento, somando mais de 6.000 pontos, e possibilitando que o Banco do Brasil tem uma rede de distribuição total com mais de 63.000 pontos.

Na página 38, nós temos um pouco do que é a nossa estratégia com o Banco Postal. O Banco Postal vai antecipar a meta do Banco do Brasil, que é de atingir 100% das municipalidades brasileiras; essa meta será antecipada provavelmente para o ano de 2012. O Banco do Brasil tem como objetivo também no Banco Postal ampliar a gama de produtos oferecidos; o Banco Postal será uma importante ferramenta de expansão da bancarização e vai aproximar ainda mais o Banco do Brasil da nova classe média.

Passamos para a página 39, temos alguns destaques do primeiro mês de operacionalização do Banco Postal. Chamamos a atenção para o volume de transações realizadas, superando 7 milhões de transações ao longo do ano, e da quantidade de contas já abertas nesse primeiro mês, superando 140.000 contas. Então, vemos que será um importante instrumento para trazer novos clientes para o Banco do Brasil.

Na página 40, olhamos para as despesas administrativas e o índice que relaciona as despesas administrativas com os ativos totais do Banco. Nós observamos que os ativos têm crescido a um ritmo superior ao crescimento das despesas. O Banco do Brasil tem conseguido diluir essas despesas por meio do crescimento da sua atividade.

Na página 41, outra visão da eficiência do Banco, aqui pelos índices de eficiência. O Banco fechou o ano de 2011 com 42,1%, e mostramos que essa preocupação do Banco com o controle de despesas fica bastante clara, bastante evidenciada pela melhoria constante do índice de eficiência.

Na página 42, temos uma informação da rentabilização da base de clientes. O Banco do Brasil tem como grande foco, além de crescer a base, naturalmente, principalmente rentabilizar essa base. E vemos que o volume de receitas comerciais por cliente tem crescido bastante nos últimos trimestres.

Passando para a página 43, falando do item receitas de seguridade, mostramos aquilo que chamamos de índice de seguridade, que é participação dos negócios de seguro no resultado total do banco. Esse item tem crescido bastante, atingindo 13,7% ao final de 2011.



Na página 44, falamos dos números com cartões, o faturamento de cartões. O Banco do Brasil tem uma participação de mercado de 20,8%; o faturamento com cartões cresceu quase 24% no período, e as receitas provenientes de cartões de crédito e débito no ano de 2010 cresceram 18,7%.

Passando para a página 45, no item mercado de capitais, mesmo em um ano não tão ativo em mercado de capitais, o Banco participou de diversas operações, tanto no mercado de renda fixa quanto no mercado de renda variável. O Banco é um dos líderes no mercado de renda fixa local e tem apresentado uma evolução bastante interessante no mercado de renda fixa global, sendo um importante parceiro das empresas brasileiras no acesso ao mercado de capitais internacional.

Passando para a página 46, e falando do índice de Basileia, o Banco encerrou o ano de 2011 com um índice de 14%; o capital nível 1 em 10,5%, e o capital nível 2 em 3,5%.

Nós mostramos nesse slide, em números pro forma, o que seria a inclusão daquela emissão de perpétuos que o Banco tem a intenção de classificar como capital de nível um; essa emissão foi realizado no começo do ano, em janeiro deste ano. A aprovação para a utilização dessa operação como capital de nível um ainda está sendo analisada pelo Banco Central, mas se ela fosse classificada como capital de nível um, isso traria um incremento de 30 b.p. para o nosso índice de Basileia, levando o índice de Basileia pro forma para 14,3%.

Finalizando a nossa apresentação, na página 47, com os números de *guidance* para 2012, nós trazemos a informação de *guidance* para o retorno sobre o patrimônio líquido entre 19% e 22%; o *guidance* de crescimento de margem financeira bruta entre 11% e 15%; o *guidance* de crescimento de depósitos totais entre 14% e 18%; o crescimento da carteira de crédito entre 17% e 21%, com as aberturas mostradas aqui no slide.

O *guidance* para despesas de provisões para crédito sobre carteira média entre 3,1% e 3,5%; o *guidance* de crescimento para receita de tarifas entre 13% e 18%; o *guidance* de crescimento de despesas administrativas entre 8% e 12%; e o *guidance* de taxa de imposto entre 31% e 34%.

Agradeço a participação dos senhores, e vamos abrir agora para perguntas e respostas, por favor.

Tiago Batista, Itaú BBA:

Bom dia. Eu tenho duas perguntas. A primeira é em relação à margem. Nós vimos uma melhora na linha ao longo do 4T, parte disso explicada pela melhora do *mix* de captação do Banco. Como vocês estão vendo a evolução das margens ao longo deste ano?

E a segunda pergunta é sobre o Banco Votorantim. Acho que o resultado do Banco Votorantim acabou surpreendendo todo mundo negativamente nesse trimestre. Quanto disso podemos considerar quase que como um evento não-recorrente, e qual é a expectativa do Banco para [*ininteligível*] do Banco Votorantim ao longo de 2012?



Ivan Monteiro:

Bom dia. Obrigado pela pergunta, Tiago. Com relação à questão da margem, o *guidance* já mostra, e acho que com o início do relaxamento das despesas macroprudenciais, você tem um custo mais normal na dinâmica da carteira de crédito do Banco. E o Banco é um banco voltado para a atividade de crédito, e qualquer diminuição nessa dinâmica acaba provocando uma diminuição na margem do Banco.

Evidentemente, estamos mais otimistas com relação ao ano de 2012 com relação à dinâmica da carteira de crédito; vou falar especificamente da carteira de pessoa física no consignado.

E na parte específica, na parte passiva, parte de funding, a evolução dessa crise na Europa, que ao longo de 2011 gerou muita instabilidade e provocou por parte do banco uma medida de prudência e elevação da nossa liquidez, me parece que ela também agora, por um [*ininteligível*], e isso deve provocar também uma maior estabilidade e uma menor necessidade, como nós tivemos, por exemplo, no 3T, de elevar o nível de liquidez do Banco, que está em uma posição excelente.

Especificamente com relação ao Banco Votorantim, eu não queria classificar como não-recorrente ou recorrente. Eu queria classificar como uma mudança de atuação para uma postura muito conservadora por parte do Banco nos diversos itens que compõem a atuação do Banco Votorantim.

Eu citaria como destaque o item de provisões, onde adotamos uma postura, já a partir praticamente do 4T11, muito semelhante à que nós temos aqui: uma postura de conservadorismo na adoção e na construção das provisões. Especificamente também ao item tesouraria, que foi um item relevante nos ganhos do Banco em 2009 e 2010, também uma postura muito mais conservadora, e um mandato bem menor para [*ininteligível*] a tesouraria do Votorantim, muito compatível com o momento que estamos vivendo, que você acompanha, de volatilidade pelo mundo.

Essas são as razões, e estamos introduzindo uma série de alterações de metodologia, muito operacionais, são vários itens aqui, e elas estão em curso; várias delas já foram implementadas, algumas ainda por implementar, e na percepção – e não só na percepção, já temos números que mostram isso –, levarão a inadimplência do Banco aos patamares que o Banco tinha no passado, historicamente muito bons.

Tiago Batista:

OK. Muito obrigado.

Carlos Firetti, Bradesco Corretora:

Bom dia a todos. Eu vi que vocês nesse trimestre mudaram um pouco a definição do resultado de tesouraria; antigamente vocês nem chamavam dessa forma. Tem já algumas explicações, mas eu gostaria de ouvir de vocês um pouco a razão dessa mudança, e até uma comparação entre a forma como está agora e o que tinha dentro daquele item anteriormente. Obrigado.



Ivan Monteiro:

Firetti, eu ouvi mal o final da sua pergunta.

Carlos Firetti:

Eu pedi para fazer uma comparação entre a classificação do resultado de tesouraria que vocês colocaram hoje, que é uma nova classificação em relação ao que vocês tinham anteriormente.

Ivan Monteiro:

Obrigado, Firetti. Na verdade, o que nós fizemos foi uma explicitação tentando tornar mais didático o que é esse conceito dentro do Banco, que para nós é extremamente simples: a tesouraria do Banco tem um mandato extremamente pequeno, para tentar, ter posições proprietárias direcionais. Ela faz isso, mas com volumes muito pequenos, [ininteligível] de capital, e é clara a nossa atuação na tesouraria. Liquidez, gestão e descasamento. Esse é o papel da tesouraria do Banco do Brasil.

Como isso não ficava muito evidenciado nos documentos que divulgávamos até então, produzimos esse quadro também tentando explicitar e retirar um pouco do movimento ou da volatilidade do câmbio. Você sabe que nossa exposição cambial é baixíssima, e nós só quisemos, na verdade, tornar e ter uma informação mais limpa e adequada para a análise de vocês.

Carlos Firetti:

OK. Outra questão, eu queria que vocês falassem um pouco em relação à questão de capital do Banco. Vocês fizeram a emissão desse *bond*, como vocês falaram, que estão pleiteando incluí-lo como Tier 1, e olhando o cenário de Basileia, vocês estão bem tranquilos.

Considerando o que já é conhecido de Basileia III, os cronogramas, eu lembro que em algum momento ao longo do ano passado eu ouvi de vocês que não seria necessária nenhuma oferta até o final de 2012. Queria que você discorresse um pouco sobre essa questão de capital, e como vocês veem isso neste momento. Obrigado.

Ivan Monteiro:

Obrigado. Como até foi colocado pelo nosso presidente ontem, o Banco do Brasil está extremamente tranquilo em relação ao índice de Basileia II, e nós nunca divulgamos nenhum dado objetivo em relação à Basileia III, porque nós sempre informamos a vocês que aguardaríamos a publicação da audiência pública pelo Banco Central.

Dada a situação ao longo de 2011, em especial da crise europeia etc., eu acho que aquele cenário de antecipação, o calendário, me parece que ficou um pouco afastado.

A informação que eu posso confirmar é que estamos, mesmo em um ambiente de Basileia III ainda com as informações não-oficiais do Banco Central, extremamente tranquilos. Não há nenhuma hipótese de o Banco do Brasil fazer qualquer aumento de capital no ano de 2012, provavelmente em 2013 e talvez em 2014.



Mas volto a repetir: nós só nos sentimos confortáveis em passar essa informação, em 2012 e 2013 dizemos que a probabilidade é zero, mas em definitivo, para um cenário de mais longo prazo, que é extremamente importante para a análise de vocês, gostaríamos de aguardar a publicação da audiência pública por parte do regulador, o Banco Central do Brasil.

Carlos Firetti:

Muito obrigado.

Carlos Macedo, Goldman Sachs:

Bom dia. Duas perguntas, na verdade. A primeira, volto a falar um pouco de capital. Nós tínhamos visto vocês no passado negociarem com a Previ para fazer a mudança do ativo atuarial para um recebível da Previ. Queria saber qual é a possibilidade de fazer isso no curto e médio prazo, e se isso tem impacto positivo no capital do Banco.

A segunda pergunta tem a ver com o *guidance* que vocês deram para despesas de provisão, de 3,1% para 3,5% do crédito total. Vocês já estão na parte baixa desse *guidance*, fecharam o ano na parte baixa do *guidance*, e eu queria saber o que isso diz em termos das despesas de provisão para vocês em 2012. Vocês estão esperando uma piora na qualidade do crédito no começo do ano, que pode os levar a terem de subir provisão? O que realmente está dizendo esse *guidance* de vocês para nós em termos de o que vai acontecer com a provisão durante o ano de 2012? Obrigado.

Ivan Monteiro:

Obrigado, Carlos, pela pergunta. Não, não há nenhuma negociação envolvendo a Previ com relação a essa questão que você mencionou. Zero.

Com relação às questões envolvendo a provisão, não há nenhuma expectativa nossa de piora do índice de provisão do Banco do Brasil. Pelo contrário, estamos bastante otimistas em relação ao ano de 2012. Teremos um crescimento do PIB melhor; acredito na evolução, seja ela qual for, da crise da Europa.

Então, eu diria que o cenário, e isso é até interessante, conforme o Gustavo já havia mencionado, quando aprovamos o orçamento para 2011, nós não tínhamos conhecimento das medidas macroprudenciais que foram colocadas em prática no início de dezembro. Isso afetou a dinâmica de [*ininteligível*] do Banco, e acho que afetou todos os bancos brasileiros, e o ambiente em que iniciamos o ano de 2012 já é com o relaxamento dessas medidas, o que é muito positivo para o Banco.

Então, eu diria que não há, hoje, nenhum indicativo interno de que haja qualquer piora na despesa de provisão ou na inadimplência do Banco.

Carlos Macedo:

Então seria justo dizer que esse *guidance* que vocês passaram aqui, a tendência é que vocês fiquem mais na parte baixa dele mesmo, certo?



Ivan Monteiro:

Nós divulgamos o *guidance*, e acho que esse é o *guidance* da visão que temos hoje. Mas volto a repetir, Carlos: não há nenhum indicativo de que vá ocorrer piora na inadimplência do Banco do Brasil. Nenhum.

Carlos Macedo:

Obrigado. Só voltando para a primeira pergunta, então: eu sei que não há nenhuma negociação em curso, mas o meu entendimento é que para fins de Basileia III, o recebível que é negociado com a Previ não é descontado para calcular o capital básico, enquanto o ativo atuarial é. Só queria confirmar que isso está correto, e se vocês veem isso como uma possibilidade no futuro, claro que não tem nada em curso agora, mas uma possibilidade no futuro para tentar endereçar, ou melhorar o índice de capital básico.

Ivan Monteiro:

Eu diria que a sua interpretação está correta, mas ela depende do resultado final, sempre ressaltamos isso, do que venha a ser determinado pelo regulador. Então, nós não gostamos de confirmar ou afirmar nada, só após a publicação da audiência pública, e, finalmente, da norma final editada pelo Banco Central do Brasil.

Mas a sua interpretação está correta, e de nossa parte, eu queria lembrar a todos que no tratamento que tem sido dado, em todos os cenários que trabalhamos, mesmo em relação ao ambiente de Basileia III, o Banco preserva o índice de Basileia total de 13%.

Então, é um cenário para nós, na minha visão, extremamente conservador, e é um cenário onde nos sentimos confortáveis. Todas as medidas e todas as decisões que forem tomadas, essa recente emissão de perpétuo, que aguardamos a classificação por parte do regulador ou não, como capital de nível 1, todas vão no sentido de preservar esse indicador de 13%, tanto agora quanto nas previsões orçamentárias que nós temos a médio prazo para o Banco do Brasil, Carlos.

Carlos Macedo:

Está bom. Muito obrigado.

Fabio Zagatti, Barclays:

Bom dia. Eu queria fazer um *follow-up* na pergunta do Macedo, só para ver se eu entendi bem. Ivan, você falou que vocês não esperam nenhuma piora ou deterioração na carteira de crédito. Então, eu acho que seria interessante entender o porquê de vir com um *guidance* para despesa de provisão sobre carteira maior do que 2011, que foi um ano em que vocês tiveram de carregar bastante as provisões do Votorantim?

Ivan Monteiro:

Volto a repetir, e queria confirmar: não há nenhuma expectativa nossa de piora de inadimplência em nenhuma das carteiras. Acho que o ambiente de negócios de 2012 é um



ambiente de negócios mais favoráveis que o ambiente de negócios de 2011. Já mencionei que acho que qualquer que seja a solução para a crise Europeia, ela busca o fim. E o ambiente de negócios na dinâmica de crédito específica do Banco do Brasil, o relacionamento das medidas macroprudenciais é muito positivo.

Pode ser por prudência, mas eu responderia assim, Fabio: para reiterar isso, não há nenhuma informação neste momento que nos leve a acreditar que qualquer uma das carteiras, das principais carteiras do banco, e você sabe que as carteiras que trabalhamos são carteiras de baixo risco – consignados, veículos, crédito de salário, imobiliário, o agronegócio está com uma performance excepcional, mesmo no ano em que nós tivemos um ambiente de seca no Sul do País; de modo geral, eu diria que não há nenhum indicador em nenhuma das carteiras de piora de cenário ou de piora de inadimplência.

Fabio Zagatti:

Está ótimo, Ivan. Então, a minha primeira pergunta seria com relação ao *guidance* de vocês, especificamente o *business* de seguros. Eu sei que vocês não deram um *guidance* específico para este segmento, mas será que vocês poderiam dividir conosco quais premissas de crescimento de prêmio e de rentabilidade do negócio estão implícitas no *guidance* de ROE para o Banco em 2012?

Ivan Monteiro:

Nós consolidamos no meio do ano de 2011 as duas subholdings e as novas parcerias, com exceção das novas empresas. Esse segmento é segmento extremamente importante para o Banco.

O Banco trabalha em um cenário de redução da taxa básica e de redução dos spreads no futuro de uma forma mais geral no mercado brasileiro, e a importância para a preservação da rentabilidade do Banco no futuro do negócio de seguros, do negócio do cartão, dos vários outros negócios que nós temos desenvolvidos reestruturados ao longo dos anos.

E esse é um negócio extremamente relevante para o Banco. Lembrando, voltando um pouco para 2008, 2009, me lembro que naquele momento a postura do banco de manter a [*ininteligível*], ela foi positiva não só nesse processo de atrair empresas e acionistas, mas ela foi muito positiva de conquistar folhas de pagamento, conquistar o *cash management* das empresas e conquistar também os negócios de seguro.

Então, eu diria que a reorganização está terminada; evidentemente os executivos agora estão debruçados em todos os ganhos de sinergia possíveis, nas revisões dos planos de negócio, e nós esperamos uma dinâmica também muito positiva para este negócio ao longo de 2012.

Fabio Zagatti:

Entendi. Mas seria possível neste momento dar alguma ideia do que devemos esperar, ou até, eu faria uma sugestão, quando vocês tiverem já revisitado todos os processos e tiverem números um pouco mais concretos, vocês poderiam informar isso ao mercado?



Ivan Monteiro:

A sua sugestão é excelente. Já estamos anotando aqui e vamos atendê-lo.

Fabio Zagatti:

Excelente, Ivan, Obrigado. E a segunda pergunta é sobre o Banco Postal. Eu sei que em um mês não dá para fazer tendência, mas esses resultados que vocês apresentaram em janeiro ficaram dentro do esperado pela administração, do ponto de vista de resultado do negócio? Obrigado.

Ivan Monteiro:

Como você falou, um mês é pouco. Nós preferimos ter um período de 90 a 120 dias, mas o início é promissor. Primeiro, a quantidade de contas abertas, a demanda pela abertura de contas tem sido muito boa. Segundo, os sistemas estão funcionando em total normalidade desde o primeiro dia. Terceiro, acho que todos objetivos que nós traçamos, toda a performance que está sendo obtida agora está em linha com o que previmos no *business plan*. Mas ainda é muito pouco tempo para dizer que temos uma tendência clara.

Ontem o nosso Presidente declarou que a continuar a performance de janeiro e fevereiro, nós devemos superar indicador de abertura de contas do primeiro ano. Mas como eu mencionei, vamos esperar um pouco, vamos esperar mais uns dois meses e então falaremos para vocês claramente qual tem sido tendência. O início é muito promissor.

Fabio Zagatti:

Excelente, Ivan. Obrigado.

Jorg Friedmann, Merrill Lynch:

Obrigado. Eu gostaria de fazer duas perguntas, na verdade. Eu notei que nesse trimestre houve uma reversão de provisões para contingências cíveis; pelo menos no meu histórico dos últimos dois anos eu percebia algo como mais R\$150 milhões de resultado negativo, e você teve uma reversão de mais de R\$250 milhões nesse trimestre.

Queria que você comentasse, se possível, os motivos que levaram a essa reversão. Eu sei que é sempre difícil você precisar o que acontece com isso no futuro, mas se vocês pudessem dar um pouco mais de cor para nós, se tem alguma outra reversão, pelo menos no curto prazo, a caminho que vocês consigam vislumbrar. E depois eu faço minha segunda pergunta. Obrigado.

Ivan Monteiro:

Obrigado. Jorg, não tem nada que salte aos olhos. A única informação que acho que poderíamos acrescentar, que é muito interessante, é que fizemos um brutal investimento em uma plataforma que chamamos de Portal Jurídico. O nosso objetivo é que toda aquela intermitência manual, e isso é um processo longo; você inicia uma ação, e ela tem todo um percurso, dado o prazo da justiça, e ao longo desse tempo você tem várias contabilizações.



O que fizemos foi reunir em uma única plataforma todo o controle desse processo. Quando você faz isso, você começa a sofisticar o nível de acompanhamento e a sofisticar o nível da sua performance.

Vou dar um exemplo fictício: vamos imaginar que estejamos perdendo alguma ação de determinado estado, vamos supor, Minas Gerais. As informações que temos agora são muito mais sofisticadas em relação ao tipo da ação, ao valor médio da perda, ou não.

Como nós fazíamos as previsões no passado muito gerais, você pega um caso geral e replica, agora, o que já obtivemos no próprio segmento de crédito, nós temos um acompanhamento hoje muito mais sofisticado do comportamento da previsão de grupos diferentes de consumidores de crédito, estamos conseguindo obter também no caso específico das ações cíveis, trabalhistas etc.

Então, eu diria que não há nada que salte aos olhos, a não ser uma brutal melhoria do nosso acompanhamento, não só do nível de controle, como do nível das informações em relação a essas ações.

Jorg Friedmann:

Perfeito, Ivan. Então, só para esclarecer, estaria certa a minha interpretação de que, uma vez que vocês conseguiram agora agrupar em uma única plataforma todos esses vários processos, e otimizaram, portanto, esse acompanhamento, agora é esperado que você entre em uma situação mais normalizada, voltando a uma normalidade, da forma como você olha para essas provisões?

Ivan Monteiro:

Jorg, iniciamos um piloto dessa plataforma em Brasília. Os primeiros dados são extremamente positivos, e isso também é muito bom, porque você sabe que existe o consumo de capital sobre risco operacional. Essa é uma das fontes de risco operacional em que gostaríamos de sofisticar o controle.

Eu diria que a tendência é que tenhamos um melhor controle sobre isso, mas esses itens são muito difíceis de prever. Então, eu não gostaria de lhe passar a impressão de que isso pode se comportar dessa ou daquela forma. O que eu queria lhe passar é que o controle, o acompanhamento e a sofisticação da informação dentro do Banco vai melhorar muito.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Em relação à minha segunda pergunta, voltando um pouco mais para a discussão do Banco Votorantim, eu gostaria de entender um pouco mais, se vocês puderem aprofundar, os estudos iniciais que vocês certamente já estão fazendo sobre o impacto da resolução 3533 na condução das operações do Banco Votorantim. Me parece que isso deve levar a uma redução das cessões com coobrigação, mas, de qualquer forma, algum impacto em capital do Banco você deve esperar.

A Basileia do Votorantim atingiu 14,1% nesse trimestre, e vocês acabaram de mencionar que sempre trabalham preservando o nível de capital de 13% para a instituição. Eu gostaria de



saber se isso se aplica a Votorantim, se você com a 3533 poderia chegar mais próximo disso, e especificamente para o caso de Votorantim, não para Banco do Brasil, se uma capitalização seria alguma coisa possível. Obrigado.

Ivan Monteiro:

Obrigado pela pergunta. O nível de conservadorismo em relação à gestão de capital que é adotado aqui também é adotado no Banco Votorantim, por um acordo com o acionista do Votorantim, o Finame. A visão sobre esse é em sintonia.

A segunda colocação que eu faço é que essa alteração, a alteração da norma, tem sim um impacto importante no negócio do Banco Votorantim. É um impacto importante. E parte desse impacto, inclusive, uma pequena parte, já antecipamos no resultados de 2011.

Então, é uma operação que nos leva, dentro desse conservadorismo, a revisitar a questão do capital, sob os olhos conservadores dos dois acionistas, e qualquer necessidade que haja de se preservar o capital no nível de 13% mínimo, que é o que adotamos aqui e é a mesma política adotada lá, terá o suporte dos acionistas.

Jorg Friedmann:

Perfeito, entendido. Vocês conseguem nos passar uma previsão de quando vocês voltam a atingir o *breakeven* na operação de Votorantim, que já está deficitária há dois trimestres?

Ivan Monteiro:

Dentro do negócio Votorantim, você tem o negócio de financeira, que tem apresentado resultado deficitário por várias razões, que já apresentei no início da nossa teleconferência; mas no outro negócio, o negócio de banco de atacado, de corretora, de *assets* etc., o banco está indo muito bem.

Desde o início do trabalho conjunto com a Votorantim Finanças, nós sempre colocamos que gostaríamos que o banco tivesse uma postura mais conservadora, menos ganhos de tesouraria, dado que o mercado é muito volátil, e queremos que o banco se direcione à atividade produtiva, a desenvolver negócios de relacionamento com as empresas, a desenvolver negócios de relacionamento no financiamento de veículos e no crédito consignado. Essa é a linha que estamos adotando e que será perseguida. Esse último negócio que eu mencionei está indo muito bem.

Jorg Friedmann:

Perfeito. Mas vocês ainda não tem previsão de quando vocês voltam a ver um resultado positivo no Votorantim, não é?

Ivan Monteiro:

[*ininteligível*] já é positivo, e do combinado, esperamos que a adoção de todas essas medidas que implementamos, e algumas ainda estão para serem implementadas, um conjunto grande já foi, é que nos darão uma visão clara do que vai acontecer, e aí externamos isso para vocês.



Jorg Friedmann:

Muito obrigado, Ivan.

Thomas Strakos, JPMorgan:

Bom dia. Em relação a *guidance* de 2012, de novo, vocês podem nos passar em quais linhas vocês esperam maior crescimento na parte de serviços?

Ivan Monteiro:

Thomas, obrigado pela pergunta. Nós temos um projeto interno do Banco, que chamamos de BB 2.0. Esse projeto começou em outubro de 2009, e ele tem claro objetivo de melhorar completamente, revolucionar o atendimento do Banco do Brasil, desde sistemas de acompanhamento, sistemas de interação entre os funcionários e os diversos sistemas de contratação, abertura de contas etc. no Banco do Brasil. E o objetivo claro é: aumentar a satisfação do cliente, para que o mesmo possa, em satisfeito, consumir mais produtos e serviços.

Quando declaramos o *guidance*, está no contexto desse *guidance* o aumento desse nível de satisfação e o aumento natural do consumo de produtos e serviços.

É evidente que vimos em uma trajetória crescente. Fizemos a contratação de mais de 10.000 funcionários no Banco; praticamente 98%, 99% desse *[ininteligível]* são destinados à rede de agências do Banco, com o objetivo claro de melhorar a qualidade do atendimento, melhorar a satisfação dos clientes e aumentar o consumo de produtos e serviços.

Thomas Strakos:

OK. E na parte de crescimento da carteira, como vocês falaram, o crescimento em produtos de menor risco, vocês não acham que trará impacto na sua margem, talvez não no curto, mas no médio prazo?

Ivan Monteiro:

Não, porque já fazemos isso desde que o Banco iniciou sua trajetória *[ininteligível]* três anos atrás. O Banco do Brasil se sente extremamente confortável em trabalhar com as linhas que trabalha, que basicamente são linhas de spread mais baixo.

Lembrando que o Banco tem uma participação importante, e não está aqui nesse *guidance*, mas tem crescido de relevância a carteira exterior; não aquela tradicional, de comércio exterior, mas a carteira exterior, aquela carteira 'bookada', ou registrada, nas agências do Banco no exterior. Por quê? Acompanhando o movimento de internacionalização das empresas brasileiras.

Se antigamente elas produziam no Brasil, exportavam daqui ou importavam daqui, hoje é muito comum uma empresa brasileira ter uma fábrica no exterior e produzir de lá. Nesses locais, também o Banco tem prestado assistência, com linhas de capital de giro e outras tradicionais.



Então, eu diria que nós estamos extremamente familiarizados em trabalhar em ambientes de menor spread, com linhas de menor risco, que, por serem de menor risco, contribuem na formação da margem positivamente.

Thomas Strakos:

OK. Obrigado.

Carlos Firetti, Bradesco Corretora:

Eu queria fazer uma pergunta relacionada a essa oferta do Itaú pela Redecard. Do ponto de vista estratégico, vocês veem isso mudando alguma coisa para o Banco do Brasil, do ponto de vista da estratégia de relacionamento com os clientes, principalmente no segmento de pequenas e médias empresas, onde o Itaú, com a Redecard integrada, poderia oferecer pacotes de serviços? Você vê alguma mudança em termos de estratégia? Como vocês poderiam eventualmente superar uma possível vantagem que o concorrente teria nessa operação?

E também queria que você falasse um pouco sobre *payout*, se existe alguma expectativa de mudança no *payout* disso com o que estamos esperando para Basileia. Obrigado.

Ivan Monteiro:

Sobre *payout*, não há nenhuma alteração na política que vem sendo executada nos últimos anos, e vou passar para o nosso Diretor de Cartões, o Raul, para falar com você sobre a estratégia em relação à Cielo. Raul, por favor.

Raul Moreira:

Bom dia, Firetti. Obrigado pela pergunta. Em relação à questão da Cielo, a princípio não temos nenhum estudo a respeito de qualquer relação sobre fechamento de capital, ou qualquer coisa nessa linha. O que vemos é que a estrutura da Redecard, o relacionamento da Redecard com o Itaú é diferente, e até foi uma empresa que nasceu de forma diferente de como nasceu a Cielo.

A Cielo já nasceu bastante integrada no seu contexto com o Banco do Brasil e com o Bradesco, que são os dois sócios que pertencem ao bloco de controle, e hoje vemos que a forma de trabalhar é complementar.

Tem se falado bastante sobre conflito de interesses entre o negócio de aquisição e o negócio de domiciliação dos bancos, o relacionamento com micro e pequenas empresas, ou médias, grandes que sejam; e no caso da Cielo, muito pelo contrário: ela já nasceu, desde a época anterior à abertura de capital, como uma empresa complementar ao processo de relacionamento dos bancos com os estabelecimentos comerciais.

Então, não vemos nenhum motivo para mudar, no primeiro momento, os planos já existentes, todo o crescimento que estamos projetando para esse tipo de negócio.



Carlos Firetti:

OK. Muito obrigado.

Operador:

Com licença. Não havendo mais perguntas, passo a palavra aos executivos do Banco do Brasil para as considerações finais.

Ivan Monteiro:

Senhores, obrigado a todos. O time de Relações com Investidores do Banco do Brasil está à disposição para qualquer outra dúvida.

Muito obrigado, e bom dia.

Operador:

A teleconferência do Banco do Brasil está encerrada. Agradecemos a participação de todos, e lembramos que o material utilizado nessa teleconferência está disponível no Portal BB, na página de Relações com Investidores. Obrigado pela participação, e tenham todos um bom dia.

“Este documento é uma transcrição produzida pela MZ. A MZ faz o possível para garantir a qualidade (atual, precisa e completa) da transcrição. Entretanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais falhas, já que o texto depende da qualidade do áudio e da clareza discursiva dos palestrantes. Portanto, a MZ não se responsabiliza por eventuais danos ou prejuízos que possam surgir com o uso, acesso, segurança, manutenção, distribuição e/ou transmissão desta transcrição. Este documento é uma transcrição simples e não reflete nenhuma opinião de investimento da MZ. Todo o conteúdo deste documento é de responsabilidade total e exclusiva da empresa que realizou o evento transcrito pela MZ. Por favor, consulte o website de relações com investidor (e/ou institucional) da respectiva companhia para mais condições e termos importantes e específicos relacionados ao uso desta transcrição.”